

**A BAHIA COLONIAL CRISTÃ-NOVA NO OLHAR
DE ANITA NOVINSKY**

**NEW CHRISTIAN COLONIAL BAHIA AS INTERPRETED
BY ANITA NOVINSKY**

SUZANA MARIA DE S. S. SEVERS
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Resumen: Trago uma pequena contribuição para a historiografia dos cristãos-novos na América portuguesa desenvolvendo algumas impressões sobre o olhar da historiadora Anita Novinsky, desbravadora do tema no Brasil, e a sua influência nas pesquisas que desenvolvi centrada na Bahia setecentista.

Palabras clave: Cristãos-novos, Bahia, historiografia brasileira, Anita Novinsky.

Abstract: I make a small contribution to the historiography of New Christians in Portuguese America by developing some impressions about the perspective of the historian Anita Novinsky, pioneer of the topic in Brazil, and her influence on the research I developed focusing on eighteenth-century Bahia.

Keywords: New Christians, Bahia, Brazilian historiography, Anita Novinsky.

Que Anita Novinsky foi a pioneira nos estudos sistemáticos sobre os cristãos-novos e a Inquisição na América portuguesa, isso não é novidade. Como também não o é seu recorte espaço-temporal privilegiado para analisar a inserção deste grupo social à sociedade brasileira em formação, claramente, a Bahia durante a primeira metade do século XVII.

Sua tese, defendida em 1970, «Cristãos-novos na Bahia. 1624-1654» mostrou que a capital da América portuguesa e seu principal porto possuía uma significativa parcela populacional de origem cristã-nova em condições social e economicamente heterogêneas e apresentava uma religiosidade diversa manifestando-se ora como católica sincera, ora criptojudaizante ou agnóstica, ainda descrente ou «má católica».

Comportamentos que, independentemente do nível de ingerência do judaísmo em seu cotidiano, classificavam-na como herege e por isso era punida. A condição psicossocial do cristão-novo distingue o conflito entre dois mundos –o catolicizante e o judaizante. Sem fazer parte inteiramente de nenhum deles, o cristão-novo criou seu próprio universo, no qual se misturam elementos do catolicismo e do judaísmo produzindo o homem dividido– o marrano. Para a Profa. Anita Novinsky os estudos sobre a população cristã-nova na Bahia ainda daria muitos e outros frutos de acordo com as perspectivas e abordagens de pesquisa adotadas. E esse foi o legado que ela me deixou. Assim fui impelida a dar sequência a suas pesquisas sobre a Bahia. Em minhas pós-graduações dediquei-me a investigar a situação desse grupo social durante o século XVIII. Nesta comunicação, para além do resumo de minhas pesquisas de mestrado e doutorado, apresento-lhe o estado da arte.

Já começo esta comunicação em homenagem a Profa. Anita Novinsky justificando o título «A Bahia cristã-nova no olhar de Anita Novinsky» por que foi a partir de sua tese, defendida na Universidade de São Paulo (USP) em 1969 e publicada pela editora Perspectiva, sob o título «Cristãos-novos na Bahia. 1624-1654» que foi lançada as bases para suas reflexões historiográficas e filosóficas sobre este segmento populacional lusitano introduzindo-o como construtor da iminente sociedade brasileira, situação até então mostrada *en passant* na historiografia brasileira. Anita Novinsky estudou esta população em suas dimensões político, sociais, econômicas, culturais e mentais (ou psicossociais, como se referia) tomando inicialmente a Bahia como local privilegiado de análise em razão de ser a capital da América portuguesa e aí viver uma «significativa burguesia cidadina», como ela mesma se refere, para conhecer especificamente a essência e a condição cristãs-novas¹.

As pesquisas de D. Anita, como carinhosamente a chamávamos eu e nosso grupo de orientandas/os, mostrou, por meio de exaustivas e minuciosas investigações em fontes primárias e de uma linha de pensamento humanista impressa em seus escritos (e na qual nos formou), os métodos rigorosos e meios de agir da Inquisição na península ibérica e o dilema da identidade cristã-nova. Contrapôs-se à historiografia revisionista que até hoje tenta minimizar ou negar os efeitos «repressivo e punitivo» deste Tribunal comprovando, mediante o exame das legislações civis, eclesiásticas e inquisitoriais, sobretudo dos «estatutos de pureza de sangue», bem como da análise do *modus operandi* do processo inquisitorial, o seu caráter racista e estrito interesse em ampliar a lista de suspeitos ao forçar a confissão de cúmplices

1 A. NOVINSKY, *Cristãos-novos na Bahia: 1624-1654*, São Paulo, 1970, 18.

em detrimento das culpas (estas já conhecidas e divulgadas desde 1536 pelos Monitórios, documento listando as práticas judaicas a fim de instruir a denúncia, vis a vis a confissão daqueles que já não lembravam mais costumes e ritos ancestrais).

Contudo, o viés de pensamento presente em toda sua obra, observo, foi a dimensão mental do elemento cristão-novo, sintetizado no conceito do «homem dividido» exposto na sua tese já citada «Os Cristãos-novos na Bahia». Para Anita, o que parece definir o cristão-novo, a cristã-nova, é a sua condição de não se enquadrar nem na identidade judaica nem na identidade cristã. A *fluctuation animi*, portanto, reflete a sua experiência de vida. Este conceito de Baruch Spinoza para definir o sujeito que vive entre dois mundos antagônicos, certamente inspirou o olhar de Anita para a condição cristã-nova a partir de suas pesquisas sobre a Bahia seiscentista.

Professora Anita ressaltava ainda que, na colônia lusitana da América, o cristão-novo ora exercia a condição do branco colonizador ora a de pária português perseguido por sua origem étnico-religiosa; que fora acusado de colaboracionista dos holandeses durante sua presença no nordeste seiscentista, apenas pela possibilidade de assumir a religião de seus antepassados «que lhe corria no sangue», segundo a lógica inquisitorial. Ela e outro historiador brasileiro Eduardo d'Oliveira França demonstraram, por meio de investigações em fontes primárias manuscritas, ser inverídica tal associação. Mesmo porque dentre eles havia os judaizantes professos –ou criptojudes, como também os católicos de fé, os agnósticos e os ateus, dentre todas as nuances possíveis de religiosidades que encobrem uma cultura, um povo.

Aliás, esta constatação de que cristãos-novos também judaizavam vai de encontro à tese da «fábrica de judeus» expressa por Antônio José Saraiva, uma vez que para ele, o criptojudeu era uma «invenção» da Inquisição. Novinsky concordou com a interpretação marxista de Saraiva de que a Inquisição foi uma luta de classes entre a burguesia católica e a judaica em disputa por questões econômicas do capitalismo comercial em expansão e foi além na sua concepção de criptojudaísmo entendendo-o como uma força de oposição contra a qual a Inquisição lutava. Citando-a: «As práticas judaicas [...] faziam parte menos de uma necessidade interior de caráter religioso do que de um conjunto de atitudes, que respondiam a uma necessidade de adesão, participação e identificação. [...]» identificando então o cristão-novo como judeu pela exclusão².

As obras anteriores à sua tese de doutoramento não se debruçaram especificamente para uma história regional dos cristãos-novos à exceção do segundo trabalho publicado de José Gonçalves Salvador sobre as capitânicas do Sul da América portuguesa, talvez porque ele já tivesse conhecimento da então recente pesquisa de Professora Anita.

O trabalho de Anita mostrou, então, por meio de fontes primárias e de uma filosofia humanista da História, os métodos rigorosos e cruéis de agir da Inquisição moderna, contrapondo-se à historiografia revisionista que tentava minimizar, ou que tenta até hoje minimi-

2 *Ibidem*, 120-121.

zar, os efeitos deste Tribunal «repressivo e punitivo» como ela tantas vezes se referiu, em suas aulas e escritos, ao Santo Ofício.

As publicações de Arnold Wiznitzer «Os judeus no Brasil colonial», de Mayer Kayserling «História dos judeus em Portugal», por ela traduzidos, observam a história deste segmento populacional no contexto da perseguição inquisitorial sem, contudo, informar a efetiva participação no «processo colonizatório», com suas glórias e suas mazelas³. Além destes, destaco dois trabalhos de Eduardo d'Oliveira França «Engenhos, colonização e cristãos-novos na Bahia Colonial» e «Um problema: a traição dos cristãos-novos em 1624», que melhor historicizam a participação dos batizados em pé na formação da economia e da política coloniais⁴.

Cristãos-novos na Bahia foi o ponto de partida de Anita Novinsky para o desenvolvimento de suas teses, cruciais à historiografia brasileira, judaica e colonial sobre a presença destes personagens na história da América portuguesa. Ao lado de Eduardo D'Oliveira França, apresentou as fontes inquisitoriais comprobatórias dos cristãos-novos não serem defensores dos holandeses durante a ocupação da Bahia (1624-25, 1627) e Pernambuco (1630-1654); depois, a outra tese, a do «homem dividido» ou *fluctuatio animi*, de que estes expressavam alma dividida entre duas religiões e diversos sentimentos religiosos ou agnósticos, divergiu daquela defendida por alguns historiadores sobre os cristãos-novos espanhóis, de que eles eram, todos, criptojudeus.

Nesta perspectiva, esta historiadora comprovou o «vazio de sentido religioso» nas denúncias durante a Grande Inquirição celebrada em Salvador no ano de 1654. Observou outrossim que o criptojudaísmo pelo qual eram acusados ao Santo Ofício não passava de justificativa para a perseguição e prisão por suposto envolvimento com os holandeses na disputa contra o espanhóis pelo controle do nordeste açucareiro.

Essas teses fundamentais permearam as pesquisas nas fontes do Tribunal de Lisboa e a população cristã-nova de meados do século XVII estava assim retratada. O final do século XVII e todo o século XVIII estava por fazer uma pesquisa em relação a esses sujeitos. E, quando eu cheguei, em 1991, para cursar o Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura judaicas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), recebi de presente a tarefa de reconstruir a trajetória de um homem assassinado na fogueira: Félix Nunes de Miranda. Foi a sua família o mote para continuar os estudos de Anita Novinsky, por meu intermédio, sobre os cristãos-novos na Bahia.

Explorei bastante as dimensões de vida desta família e seu círculo social e econômico na sequência do doutoramento, então já no Departamento de História social da mesma Universidade; expandi a pesquisa para todo o grupo que, constatamos, compôs a comunidade cris-

3 A. WIZNITZER, *Os judeus no Brasil colonial*, São Paulo: Pioneira, 1966; M. KAYSERLING, *História dos judeus em Portugal*, São Paulo, 1971.

4 E. D'OLIVEIRA FRANÇA, «Engenhos, colonização e cristãos-novos na Bahia Colonial In: Simpósio Nacional Dos Professores Universitários De História, 4., 1967, Porto Alegre. *Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*. Colonização e migração. São Paulo: [FFCL]-USP, 1969, 232-241.; IDEM. Um problema: a traição dos cristãos-novos em 1624, *Revista de História*, São Paulo, v. 41, n. 83 (1970), 21-71.

tã-nova na Bahia no primeiro quartel setecentista, usando a metodologia *guinzburguiana* de percorrer os nomes. Nos processos inquisitoriais contra a família de Félix Nunes de Miranda levantei praticamente toda a comunidade cristã-nova incluindo presos/as e implicados/as nos processos como cúmplices, testemunhas ou meramente citadas. Anita dizia-me que eu daria continuidade ao seu trabalho –quanta generosidade! Jamais consegui tal feito. Ainda falta muito.

Ao investigar os cristãos-novos na Bahia setecentista constatei que eles não descendiam daqueles estudados por ela e que foram envolvidos na Inquirição de 1648, contexto que concentrou maior número de indiciados na ação inquisitorial seiscentista para além da Segunda Visitação à Bahia (1618). Dei conta do morgadio que me cabia! Defendi a tese «Além da exclusão: a convivência entre cristãos-novos e cristãos-velhos na Bahia setecentista em 2002, após quatro anos de intensa e minuciosa investigação nos processos inquisitoriais microfilmados e/ou fotocopiados durante os vários estágios de pesquisa que Anita fizera no Arquivo Nacional da Torre do Tombo⁵. Aquela ainda não era a época do mundo digital. Gigantesco e rico acervo que hoje está no Museu judaico de São Paulo e os originais devidamente digitalizados e disponíveis no site do citado ANTT. Quem se debruça hoje nestas fontes tem o deleite de estar em sua própria casa descarregando tais documentos.

Expus neste trabalho a comunidade possível de ser (re)conhecida nas fontes que se apresentavam e discorri sobre a vida familiar e em sociedade, a vida econômica e seu lugar na economia colonial, a religião e a religiosidade e a perseguição sofrida. Referendi algumas de suas teses como a do «homem dividido», a religiosidade diversa e o papel preponderante na economia miúda da colônia. Não encontrei ocupação de cristãos-novos em cargos públicos ou na política, como a pesquisa primordial dela constatou para os começos dos seiscentos. Tratou-se de uma população recém-chegada de Portugal, mais precisamente do norte lusitano, que andava esgotada de fome, seca e guerra com a vizinha Espanha. Pesquisa esta que rendeu uma dezena de trabalhos de pós-graduação *stricto sensu* sobre as personagens desveladas.

Ademir Schetini explorou a religiosidade feminina⁶, Daniela Cristina Nalon⁷, e Natália Ribeiro Martins⁸, biografaram a trajetória de dois importantes homens de negócio, Daniela ainda biografou Félix Nunes de Miranda compartilhando comigo a saga deste «relaxado à justiça secular»⁹. Outra, esta minha ex-orientanda e hoje mestra Elaine dos Santos Silva¹⁰,

5 S. M. DE SOUSA SANTOS SEVERS, *Além da exclusão: a convivência entre cristãos-novos e cristãos-velhos na Bahia setecentista*, Salvador, 2016.

6 A. SCHETINI, *Cristãs-novas e criptojudáismo na Bahia setecentista*, 2018, Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense.

7 D. C. NALON, *A fé e o fogo: trajetória, relapsia e herança imaterial no caso do cristão-novo Félix Nunes de Miranda (1670-1731)*; 2016; Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania) - Universidade Federal de Viçosa.

8 N. R. MARTINS, *‘Os laços que nos unem’: cristãos-novos, comércio e mecanismos de cooperação no mundo Atlântico (1695-1733)*, 2022, Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Minas Gerais.

9 NALON, *Félix Nunes de Miranda: trajetória, relapsia e herança imaterial (1670-1731)*, São Paulo, 2021, v. 1., 212.

10 E. DOS SANTOS SILVA, *Antônio Rodrigues Garcia: a trajetória de um cristão-novo nos sertões do Rio São Francisco*, (BAHIA, s. XVIII), 2022. Dissertação (Mestrado em História regional e local). Universidade do Estado da Bahia.

dissertou sobre a vida de um sujeito que se embrenhou pelo então chamado Sertão do São Francisco, território hoje identificado no oeste baiano.

O trabalho de Anita Novinsky rendeu frutos –e não só por minha linhagem. Antes de mim formou ilustres colegas ainda hoje estudiosas e estudiosos da Inquisição, ainda que não necessariamente os cristãos-novos. Ao meu lado estão Lina Gorenstein, Eneida Beraldi, amigas e colegas de pós-graduação, Daniela Levy também da chamada «escola Novinsky» e o igualmente queridíssimo etno-historiador Luiz Mott.

No presente século, com o desenvolvimento dos estudos inquisitoriais facultados por Anita e por Sonia Siqueira, muitos trabalhos acadêmicos de mestrado e doutorado estudam as personagens que foram trazidos à tona por suas mãos. Este é um pequeno contributo que trago em memória da Professora Anita Novinsky. Muito obrigada pela audiência.